

**A PROFECIA NUMÉRICA DO HORROR EM *JERUSALÉM*,  
DE GONÇALO M. TAVARES**

Juliana Florentino Hampel<sup>1</sup>  
Lilian Jacoto<sup>2</sup>

**RESUMO**

Esta comunicação tem como objetivo explorar o formato ficcional-ensaístico do romance *Jerusalém*, do português Gonçalo M. Tavares, com foco no ensaio mais importante da obra produzido por um de seus protagonistas, o médico Theodor Busbeck. A personagem conduz uma pesquisa insana com a meta de medir o horror praticado na História numa escala temporal, com a meta de prever a ação de diferentes povos no que concerne à prática do horror, sempre em situações nas quais o embate entre as forças seja desigual. Com a utilização de dados estatísticos e matemáticos, a pesquisa parte da premissa de que a História individual e coletiva caminham para o equilíbrio entre o sofrer e o fazer sofrer, vivendo o mundo um grande conflito entre cargas positivas e negativas que só chegaria ao fim quando atingisse o zero, ou seja, a anulação de ambas as forças. A intenção final é ir da previsão da História individual para o prognóstico da História coletiva, traçando, no percurso dos séculos, uma normalidade para que seja possível exercer o controle sobre o futuro das nações. Todo o trabalho desenvolve-se por intermédio do olhar de um médico que procura conhecer a saúde mental da História e compreender o seu “raciocínio”, o funcionamento de seus “miolos”. Ao fim, Theodor almeja chegar a uma fórmula que permita prever o horror antes que ele aconteça, em um misto de ciência e profecia.

**Palavras-chave:** ensaio – loucura – História – horror – normalidade

O trabalho de investigação conduzido pelo médico Theodor Busbeck toma grande parte da narrativa do romance *Jerusalém* e pode ser considerado como o mais importante ensaio da obra, no qual se aglutinam diversas temáticas concernentes à obra. O estudo de Theodor, com o qual almeja sucesso e glória no meio acadêmico, procura “estabelecer uma relação entre o horror e o tempo, [e] perceber se o horror está a diminuir ao longo dos séculos ou a aumentar” (TAVARES, 2006, p. 45), análise que tem a finalidade de

---

<sup>1</sup> Juliana Florentino HAMPEL. Universidade de São Paulo – USP. E-mail: juflorentino@usp.br.

<sup>2</sup> Lilian JACOTO. Universidade de São Paulo – USP. E-mail: ljacoto@gmail.com.

“encontrar uma regularidade [e, assim, de colocá-lo] perante uma descoberta fundamental” (TAVARES, 2006, p. 45).

Descrito como um projeto que consome anos de pesquisas, as quais incluem a criação de gráficos e planilhas com análise de dados quantitativos, a investigação parte de uma visão linear da história, na qual fatos do passado, em uma perspectiva de causa-efeito, se repetiriam de forma semelhante no futuro – “desde que temos relatos históricos mais ou menos fidedignos” (TAVARES, 2006, p. 46). A seguir, situações nessa linha histórica são selecionadas para compor tal gráfico, numa oposição entre força e fraqueza, nas quais circunstâncias de horror colocaram frente a frente

uma parte [que] não tinha qualquer possibilidade de infligir baixas na outra parte, e em que a parte forte, sem qualquer justificação – ou pelo menos sem a grande justificação que é o medo – dizimou a parte fraca. (TAVARES, 2006, p. 46)

Um gráfico do horror distribuído pelo tempo, que deveria culminar em uma “fórmula numérica, objectiva, humana, não sujeita a flutuações de sentimentos ou de ânimo, uma fórmula puramente matemática, puramente quantitativa, serena, diria, uma fórmula serena” (TAVARES, 2006, p. 46), fruto da mente de um médico alienado pelo próprio discurso científico e que reduz a condição humana a um gráfico numérico e estatístico, cuja aspiração residia na faculdade de se tornar um santo – “Theodor ansiava por poder salvar, e de salvar se tratava” (TAVARES, 2006, p. 53). Por seus colegas de profissão, era considerado como aquele que possuía a capacidade “para entrar nas cabeças estranhas”, habilidade compreendida como uma espécie de “empatia com o não normal” (TAVARES, 2006, p. 54). Um profissional de quem normalmente se esperaria um comportamento ético e objetivo, mas que alimentava o estranho desejo de “perceber a parte louca da História, [a fim de] entrar na cabeça do Horror e com esta conseguir dialogar” (TAVARES, 2006, p. 54). O cerne da pesquisa de Theodor, deste modo, é “chegar à fórmula que resume as causas da maldade que existe sem o medo, essa maldade terrível; quase não humana porque não justificada” (TAVARES, 2006, p. 46).

Uma fórmula com aspecto científico, em que a progressão e os pequenos cálculos fizessem parte de um trabalho meticuloso, diferente do trabalho criativo, “algo bem mais importante” que um verso, segundo as palavras do próprio Theodor, pois deveria seguir “uma linha contínua, consistente”, respeitando “a lentidão e os métodos” e, principalmente, aspirando ao progresso. Um quadro no qual os atores centrais são os

indivíduos inseridos no processo histórico, história na qual existe um subcapítulo: o da história do horror. Neste ponto, nos deparamos com a primeira diferenciação entre a voz de uma personagem que está do lado dos fortes, de uma que esteja posicionada entre os fracos: aquela não veicula a rebelião pela palavra ou pela resistência do corpo como esta, pois acredita na história construída pelos homens de forma regular, uma vez que “qualquer História tem uma normalidade, nada existe sem essa normalidade” (TAVARES, 2006, p. 48). Trata-se de uma crença na positividade científica aplicada sistematicamente à vida humana: se posso prever, por meio de dados, certas atitudes, posso controlar e normatizar.

Subjacente a isso, Theodor apresenta uma visão da história como processo linear e progressivo, relacionada à degradação da experiência na modernidade como entendida por Walter Benjamin, experiência social que, hoje, se fundamenta na supremacia da tecnologia. O ritmo do corpo, assim, deve seguir o ritmo veloz da máquina e, com a aceleração do tempo, o homem vive apenas a *Chokerlebnis*, ou experiência do choque, a qual provoca um comportamento reativo e autômato que liquida a relação com o passado e a memória. Esta relação entre o ritmo do homem e da máquina é explícita em outro romance da série *O Reino, A máquina de Joseph Walser*, quando o protagonista confunde seus batimentos cardíacos com o funcionamento da máquina que opera em uma indústria:

[...] o calor excessivo da máquina e o seu cansaço misturam-se com ruídos de sirenes, que entram pelas janelas nas breves pausas silenciosas do motor que se encontra a centímetros do peito. [...] Em diversos momentos, o som do motor e o seu trepidar se confundem com o bater cardíaco, pois ambos os ‘órgãos’ estão em pleno funcionamento, em plena excitação, e encostados um ao outro, misturam-se, provocando em Walser, por vezes, sobressaltos ridículos quando, a horas certas, às horas planeadas, o motor da máquina subitamente cessa. É aí que Walser percebe a ligação que existe entre seu corpo e a máquina. [...] Walser tenta perceber se a separação brutal entre o funcionamento do seu coração e o funcionamento do motor da máquina não é algo semelhante à separação entre o coração de um homem e esse mesmo homem. (TAVARES, 2010, p. 52-53)

Um processo que, ao converter futuro em passado instantaneamente, promove alterações extremamente velozes que, paradoxalmente, são responsáveis pela sensação de imobilidade. De acordo com Bruno Latour, “os modernos têm a particularidade de compreender o tempo que passa como se ele realmente abolisse o passado antes deles. [Eles] têm a sensação de uma flecha irreversível do tempo, de uma capitalização, de um progresso” (*Apud* COSTA, 2008, p. 2). Desse modo, a ideia de progresso encerra uma

concepção de história como um movimento ininterrupto constituído por fenômenos de certo modo previsíveis que, na interpretação de Theodor, se assemelham a um eletrocardiograma humano, o qual o conduz a um instinto de que será possível

prever uma regularidade distribuída por curvas, como no coração de uma pessoa normal [...] a regularidade do coração da História, como se fosse o outro lado da regularidade do coração de um homem, ambos os gráficos com seus picos, com as suas quedas, mas acima de tudo com as suas repetições, com as suas previsibilidades, com a sua normalidade. (TAVARES, 2006, p. 48)

Atente-se ao fato de que o modelo a ser seguido para o entendimento da história é o de um eletrocardiograma procedente de uma pessoa *normal*, da qual se espera uma regularidade exata. A história, desse modo, é percebida como um *continuum*, como uma máquina que, regular e precisa, conduziria o homem a um domínio pleno sobre o futuro. O tema suscita, mais uma vez, uma comparação entre as visões de Busbeck, em *Jerusalém*, e de Klobner, em *A máquina de Joseph Walser*, encarregado na indústria em que trabalhava Walser:

– Veja esta fábrica: estamos perante o espanto sobrenatural. Tudo é tão estupidamente previsível nestas máquinas que se torna surpreendente; [...] conseguimos fazer acontecer exatamente o que queremos que aconteça. Tornámos redundante o futuro, e aqui reside o perigo. Se a felicidade individual depende destes mecanismos e se torna também previsível, a existência será redundante e desnecessária: não haverá expectativas, luta ou pressentimentos. (TAVARES, 2010, p. 17)

Consoante Octavio Paz, essa crença na história como uma marcha contínua adotou diferentes formas, sendo a mais coerente a vertente explorada pelo marxismo, a qual concebe tal expressão da história com “o rigor do discurso racional, [porém de maneira] mais ousada porque esse discurso abarca tanto o passado e o presente da espécie humana como o seu futuro” (PAZ, 2012, p. 103), em um misto de ciência e profecia.

A proposta de Tavares, no entanto, é a de uma ciência que se interesse pelo irrepitível, como consta em um dos aforismos de suas *Breves notas sobre a ciência*:

A ciência só estuda aquilo que se repete. Foge do único, ou faz do único um soldado: como se o irrepitível fosse apenas o pormenor de algo Maior que, afinal, se repete.

A ciência diz: se é irrepitível, se não tem leis, se não é previsível, se é, pois, ilógico, então é apenas pormenor. [...] A ciência, dirão alguns críticos excessivos, não se interessa pelo diamante, que é raro, a ciência vive obcecada pelo cascalho, que é muito. (TAVARES, 2006, p. 103)

O trecho aponta, claramente, para a escolha do tipo de personagem dominante em *Jerusalém*: o anormal, aquele não submetido à norma e considerado “o pormenor de algo Maior”. A sugestão do autor, assim, é de que o pensamento racional dialogue com o estranho, o irracional e o desconcertante a fim de construir uma possibilidade de discurso com maior complexidade e que retire o ser humano de seu estado de alienação. Afinal, a pesquisa de Theodor tem destaque na narrativa justamente como alerta do perigo que o homem enfrenta ao tentar avaliar a história e seus agentes única e exclusivamente pelo viés da ciência exata.

A loucura de Theodor reside, portanto, no modo como olha para a história mantendo com ela uma relação vertical do médico que oferece ao doente a cura de maneira arbitrária, visando, com esta “profecia numérica, quantitativa, exacta” (TAVARES, 2006, p. 194), apontar “a saúde e a doença, não de um único homem, não de um único indivíduo, mas dos homens em seu conjunto; do colectivo, da totalidade do mais relevante e abjeto comportamento humano” (TAVARES, 2006, p. 48). Progresso que aponta para a catástrofe, significado do imutável e do sempre dado, fenômeno “natural”, inevitável e irresistível. A intenção de prever uma regularidade no processo histórico é parte da convicção de Theodor em não apenas fazer história, mas também natureza. Tavares discorre sobre esta ideia em seu *Atlas do corpo e da imaginação*, ao apresentar a teoria da “utopia cinética”, do filósofo Peter Sloterdijk. Segundo esta tese, a insatisfação humana com a exclusividade de fazer apenas a sua própria história leva os homens a se atirarem à natureza, assim,

ela será feita, como uma construção, será remodelada, aperfeiçoada [...] a natureza imprevisível e que não se repete é esmagada pela acção humana, que marca a Natureza rebelde com a exactidão de que só a *polis* é capaz. (TAVARES, 2013, p. 107-108, grifos do autor)

A ação do homem, desta perspectiva, visa ao progresso, visto como “a entrada triunfal dos efeitos de [suas] acções no dia-a-dia da Natureza” (TAVARES, 2006, p. 108). Prever o futuro, para, assim, controlar suas manifestações: enfim, este é o propósito de Theodor com seu ensaio investigativo. Como o médico que acompanha os sintomas de seu paciente, atento aos progressos em seu estado clínico, ele tenciona averiguar se a história se encontra doente ou saudável, se

o estado do mundo piora, se degrada, desenvolve infecções, fraquezas; se a História, enfim, está ou não moribunda, se nos encontramos à beira

de um novo começo, de uma segunda História, do início de um segundo electrocardiograma na História humana. (TAVARES, 2006, p. 48)

Contudo, apesar do ímpeto do homem por “colonizar o futuro”, como afirma Paz, o que a contemporaneidade tem nos mostrado é que “os homens começam a ver com terror o porvir e o que apenas ontem pareciam as maravilhas do progresso, hoje são seus desastres” (PAZ, 2012, p. 62). O futuro, destarte, não é mais esperado e sim temido, pois deixou de ser o depositário da perfeição para se tornar o do horror. Não obstante, o grande temor de Theodor reside não em descobrir que a história está mais ou menos doente, mas “que o gráfico revele uma estabilidade assustadora, uma constância do horror no tempo, uma manutenção da normalidade do horror que termine por completo com qualquer esperança” (TAVARES, 2006, p. 49) e impeça o seu “fazer” como ato que interfira diretamente na história dos homens. Caso sua pesquisa não resulte em uma real interferência na história, qual será, então, a sua posição no mundo?

Por essa razão, “passar do pequeno ao grande” já que, de fato, ele não aspirava apenas a ser médico, mas sim, como dissemos, santo,

um santo capaz de perceber a cabeça da sua mulher, Mylia, e ainda a cabeça de todos os Homens, como conjunto, um santo inteligente capaz de perceber os miolos da História, capaz de captar o raciocínio ou, pelo menos, a forma – gráfica – de a História raciocinar. (TAVARES, 2006, p. 53)

Neste ponto se confirma a insanidade de Theodor, que, ao formular uma metodologia pautada pela normalização e padronização com o intuito de investigar o comportamento humano de modo estatístico, revela sua impossibilidade de eficácia ao apontar seu próprio autor como um dos agentes do horror, desmascarando sua conduta ética. Ao aspirar ao conhecimento da “saúde mental da História” por intermédio da análise de documentos diretamente relacionados aos campos de concentração, Theodor reveste

o universo concentracionário de uma funcionalidade prática [já que] os campos testemunham e efectivam a possibilidade moralmente imponderada que a totalidade de uma dada comunidade seja, sem resistência, submetida à unidade, à eliminação do diferencial que distingue um indivíduo do(s) Outro(s). (SOUSA, 2010, p. 120)

E, nesse sentido, a sua loucura se efetiva na crença de poder olhar para a história como um bloco único, sem o caráter plural que lhe é característico. Se a história, conforme

aponta Paz, é constituída pela diversidade de sociedades criadas pelos homens, como acreditar em um futuro como dado certo e objetivo, sem variáveis? Conforme o crítico mexicano, a pluralidade de passados, de diferentes textos escritos e reinterpretados faz esta ideia de um futuro unívoco cair por terra: o futuro, em oposição a essa perspectiva, só pode ser plural. Deste modo, a pesquisa de Theodor, após o estrondo inicial de sua publicação, só encontra o ostracismo e o esquecimento:

O impacto inicial dos cinco volumes, que constituíam a investigação da vida inteira de Busbeck, desvaneceu-se com alguma rapidez [...] O ‘cidadão do ano’ foi esquecido e ignorado intencionalmente nos anos seguintes. E nas décadas posteriores não surgiu qualquer interesse novo por aquela obra. A primeira edição não chegou a ser totalmente vendida, pese embora o impacto inicial [...] e, duas gerações depois de Busbeck, um volume da sua investigação poderia ser comprado pelo preço de dois cafés. (TAVARES, 2006, p. 198-199)

A ironia do trecho é axiomática e, em nossa leitura, conduz a um ponto de luz nesta obra tão negra, pois abre espaço para a possibilidade de lucidez em um mundo tão árido como o apresentado pela narrativa de *Jerusalém*. Ao trazer o tema do Holocausto como cerne da pesquisa de Theodor, Tavares parece sugerir a necessidade de estarmos atentos à constituição do pensamento crítico na contemporaneidade, especialmente quando este se apoia em medidas que visam à homogeneização. Ao nos apresentar a forma como se desenvolve o pensamento de Theodor, a mensagem do autor se afigura como um alerta do que não deve ser feito, ou seja, de que devemos nos manter afastados de “uma racionalidade afeita a uma ordem objetiva falsamente explicada”, para não correremos o risco de sermos “absorvidos pela ordem social dominante, reproduzindo o mundo em vez de nos opormos a ele” (CASTRO, 2011, p. 113).

Se, como afirma o escritor austríaco Robert Musil, “o ensaísmo desenvolvido no interior de uma forma artística será a via que permite à arte, num contexto de plena crise espiritual, prosseguir em busca de valores autênticos” (CASTRO, 2011, p. 113), o autor de *Jerusalém* sugere, com a pesquisa de Theodor, a impossibilidade de compreender o mundo apenas pelo viés racionalista – além, é claro, de nos apontar a loucura de tal pretensão. A arte, na concepção ensaística, busca apenas focalizar fenômenos humanos apreensíveis por imagens, provendo o leitor com interpretações da vida que somente acenam com possibilidades, em um universo em que “razão e ciência não se apartem da subjetividade” (CASTRO, 2011, p. 115-116) e permitindo que esta possa se transformar em uma experiência comunicável pela palavra. Logo, a profecia de Theodor se mostra

incongruente como um ponto de vista factível sobre o comportamento humano, por oferecer somente a via do pensamento racional como possibilidade de compreensão deste mesmo comportamento. Ao leitor, Tavares concede a alternativa de aprender com a construção ou esboço de pensamento das personagens anormais do romance, aquelas posicionadas do lado dos fracos e a partir das quais se estabelecem reais possibilidades de discursos com a marca da diversidade e da pluralidade.

## Referências

CASTRO, Érica Gonçalves. “Sobre o ensaísmo de Robert Musil”. In: Revista *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, n. 17, Jul/2011, pp. 103-117.

COSTA, Sandro da Silveira. “Materialismo Histórico e Historicismo na ótica de Walter Benjamin: uma interpretação das teses ‘Sobre o conceito de história’”. In: **Caderno de resumos e Anais do 2º Seminário Nacional de História da Historiografia**. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. Ouro Preto: EDUFOP, 2008.

PAZ, Octavio. “El punto de convergencia”. In: **Revisiones**. Revista de crítica cultural. No. 7 (Invierno de 2011 / Primavera de 2012), pp. 59-69.

SOUSA, Pedro Quintino de. **O reino desencantado: literatura e filosofia nos romances de Gonçalo M. Tavares**. Lisboa: Edições Colibri, 2010.

TAVARES, Gonçalo M. **Breves notas sobre a ciência**. Lisboa: Relógio D’Água, 2006.

\_\_\_\_\_. **Jerusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **A máquina de Joseph Walser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.